

D. José Policarpo na imprensa portuguesa

Introdução

O trabalho que se pretende fazer sobre a figura pública, construída pela imprensa, do Senhor Patriarca de Lisboa, D. José Policarpo, terá sempre de ter em conta as condicionantes inerentes ao discurso jornalístico — principalmente no que concerne aos géneros e às Agendas — e os contextos actuais dos *Media*.

O mesmo exercício deverá ter em atenção a imagem pública da Igreja Católica, veiculada nos e pelos *Media*, assim como os diversos quadros interpretativos em presença. Da mesma forma, é necessário ponderar as características específicas da comunicação institucional da Igreja, a sua eficácia ou insucesso em agendar determinados temas e, ou, acontecimentos na chamada imprensa de referência e nos órgãos regionais de inspiração cristã.

As características próprias ao discurso jornalístico também não devem ser menosprezadas, no sentido em que a construção de uma figura pública, seja ela qual for, mesmo no estudo de caso que nos propomos realizar, é sempre levada a cabo através de mecanismos que utilizam a técnica de saliência e apagamento¹. Isto é, o discurso jornalístico tende a construir figuras públicas através de imagens contrastantes, acentuando determinadas particularidades (físicas, morais, cívicas, humanas, ...) que em princípio estariam ausentes (ou seriam «menos nítidas») em instituições e em pessoas do mesmo campo.

¹ Estas técnicas foram muito estudadas por KINTSCH e VAN DIJK. Cf. KINTSCH, W. e VAN DIJK, T. A. (1978), «Toward a model of text comprehension and production», *Psychological Review*, 85, 363-394.

De apontar, igualmente, uma «quase» contradição entre os ritmos e as exigências discursivas e estéticas dos *Media* em geral e da imprensa em particular, e as exigências reflexivas da «mensagem cristã» que, segundo José Caro², não deve compreender *somente o catecismo da Igreja, mas também, uma tradição cultural e artística, uma herança de valores sobre a pessoa e a sociedade, uma visão aberta do mundo em que cabem muitas posturas sociais e políticas diferentes, uma possibilidade de diálogo que deve juntar não só cristãos praticantes, como todos aqueles que compartilham a mesma visão de mundo e de vida.*

A estes pressupostos deve-se acrescentar a ênfase dominante atribuída aos contextos e aos processos sociais de produção do discurso, a que não são alheias as transformações estruturais da sociedade ocorridas na última década (na distribuição demográfica, na família, nas ocupações e padrões de consumo). Pela pertinência para este estudo de caso destaca-se o novo relacionamento entre Igreja e Estado e, por outro, a laicização crescente, a par da emergência de fenómenos religiosos internos e externos à própria Igreja Católica³.

Relativamente aos *Media*, a análise de imprensa configura-se, também, como um processo complexo, mais ou menos dependente do quadro de inserção da imprensa portuguesa nos grandes grupos *Media* (globalizados e, ou, localizados) e dos constrangimentos da «máquina» jornalística.

1. Os contextos das empresas *Media*

Segundo McQuail⁴ os *Media* de Comunicação inserem-se na sociedade e encontram-se sujeitos a mecanismos e pressões sociais, políticos e económicos, assim como às pressões das audiências e dos *acontecimentos genuínos*, entendidos como facto bruto real.

² SÁNCHEZ CARO, J. M. (1999), *Entre identidad cristiana y diálogo com la cultura de nuestro tempo: reflexión teológica sobre algunas formas de comunicación de la Iglesia hoy*, Louvain La Neuve/Leuven, p. 26 (comunicação apresentada ao segundo congresso da FiuCon).

³ Cf. BARRETO, A., org. (1996), *A situação social em Portugal, 1960-1995*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa; VIEGAS, J. M. L. e COSTA, A. F. da, org. (1998), *Portugal que modernidade?*, Oeiras, Celta Ed.

⁴ MCQUAIL, D. (1992), *Mass Communication Theory: an introduction*, London, Sage, p. 142.

Numa perspectiva macro-económica, identificam-se como pressões, os fluxos financeiros, as flutuações das bolsas, as estratégias das empresas «centrais» e os desenvolvimentos tecnológicos (principalmente, no domínio das telecomunicações).

Numa outra perspectiva económica, mais local e complementar, é necessário ter em conta a partilha de mercado, tanto no sentido da oferta de produtos e da sua distribuição (no caso dos jornais, os públicos disponíveis) como na ratificação dos acordos preferenciais com as agências, na distribuição de cotas de publicidade e na captação de patrocinadores.

Como pressões sócio-políticas determinantes da inserção dos *Media* na sociedade, McQuail ressalta o controlo político, realizado através da legislação e instituições políticas especializadas (no caso português, por exemplo, a Lei de Imprensa, a Lei sobre a Televisão, a existência da Alta Autoridade para a Comunicação Social) assim como a dependência (principalmente das empresas jornalísticas) de fontes institucionais e das transacções entre a política, a economia e os *Media*. Dentro, ainda, desta perspectiva, refere o peso de determinadas instituições sócio-culturais como a Igreja ou Igrejas, os Clubes (de Futebol, por exemplo) a opinião pública sondada e, ou, organizada (através de associações da sociedade civil).

Pressões específicas são, ainda, os níveis de audiências e os *acontecimentos genuínos*. As audiências são percebidas, quer como «alvos» a conquistar (concepção e veiculação de perfis «imaginários» de espectadores), quer como «públicos» a conservar (através da oferta de produtos e da oferta de «estímulos a expectativas»). Em contraposição, os *acontecimentos genuínos* constituem-se como pressões na «rotina» diária dos *Media*. Estas «rotinas» presentes, principalmente, no Jornalismo impresso, televisivo e radiofónico, estão ancoradas nas Agendas, diárias ou periódicas, e antecipam, através de um processo de inventariação e tematização, as potenciais notícias e acontecimentos.

Se os factores, atrás enunciados, constituem para McQuail o quadro geral de inserção dos *Media* na Sociedade existem, contudo, outros factores determinantes quanto à sua actuação, funcionamento e produção (inclusive na imprensa).

Nesta perspectiva, são factores a acrescentar: os princípios de gestão (financeira, económica e administrativa); a organização do trabalho (organograma funcional, métodos e cultura de empresa, rotinas e tempos); o desenvolvimento tecnológico incorporado (por exemplo, infra-estruturas multimédia, opções em telemática e tele-

comunicações) e o perfil dos profissionais (base social de recrutamento, formação específica e complementar, expectativas, visão do mundo e valores).

Os constrangimentos da «máquina» jornalística

A «empresa imprensa» não foge ao quadro anteriormente esboçado independentemente de apresentar algumas características específicas nomeadamente quanto à filosofia de legitimação comunicacional e profissional.

Nos últimos quinze anos, as alterações — de carácter económico, político, social e tecnológico — ocorridas nos *Media* europeus, incluindo Portugal, alteraram, radicalmente, a perspectiva da Comunicação Social, fundada no Serviço de Utilidade Pública (e enraizada na teoria social da Igreja)⁵, conferindo-lhe um carácter de Indústria da Comunicação e da Informação.

Enquanto o Serviço de Utilidade Pública, sustentado e tutelado pelo Estado, foi (e continua a ser) acusado de controlo e manipulação ideológica partidária, as privatizações dos *Media* criaram uma indústria inserida numa economia de mercado, altamente competitiva, dependente da publicidade, dos patrocinadores e dos consumidores.

É, neste sentido, que Fernando Correia⁶ afirma não ser possível analisar o jornalismo apenas como um fenómeno *puramente comunicacional* isolado das suas dimensões e implicações *económicas e políticas, culturais e ideológicas* mas propõe esta observação, na perspectiva de um *fenómeno social*, em estrita interdependência com a sociedade em que se encontra inserido.

Por outro lado, o jornal é um produto, inscrito num nicho de mercado, sujeito a regras de produção e dirigido a um público consumidor. Esta dinâmica resulta num processo de fabricação das notícias em que a sua selecção, produção (*newsmaking*) e edição dependem, em maior escala, dos constrangimentos organizacionais que da actividade dos jornalistas profissionais⁷.

A ilusão de uma «profissão livre» — proporcionada pela contiguidade e privacidade com os diversos poderes, induzida pela

⁵ SÁNCHEZ CARO, J. M., *ob. cit.*, pp. 2-6.

⁶ CORREIA, F. (1997), *Os jornalistas e as notícias*, Lisboa, Caminho, pp. 35-39.

⁷ BREED, W. (1993), *Controlo social da redacção*, In: TRAUQUINA, N., org., *Jornalismo: Questões, Teorias e «Estórias»*, Lisboa, Vega, pp. 152-166.

proximidade, pelas inter-relações estabelecidas entre as elites do jornalismo e o poder político — leva a uma auto-projecção e a uma identificação social altamente positiva. Contudo, esta imagem entra frequentemente em conflito com os controlos de redacção, as rotinas e tempos de produção, criando no jornalista um conflito de auto-imagem que oscila, entre uma visão *romântica e missionária* e uma visão *burocrática e mercenária* da sua actividade profissional⁸.

Se a actividade jornalística é fundamentalmente uma actividade paradoxal — exigindo do jornalista, simultaneamente, um leque de conhecimentos condicionantes de uma significação pública e uma intuição perceptiva do senso comum — ela, também, o transforma num *profissional produtor das formas de conhecimento ligadas à informação pública da realidade*⁹. Reforçando esta perspectiva, Nelson Traquina afirma que os *jornalistas não são simples observadores passivos mas participantes activos no processo de construção da realidade*, na medida em que *enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia cria o acontecimento*¹⁰ da mesma forma que *as notícias registam as formas literárias e narrativas utilizadas pelos jornalistas para organizar o acontecimento*¹¹.

2. O campo da análise de imprensa e das notícias

A análise de imprensa de referência tem vindo a constituir-se como um campo de estudos interdisciplinar e desde os anos 60 insere-se num conjunto de estudos mais abrangentes denominado Análise Crítica do Discurso (ACD)¹².

Inicialmente, estas análises oscilaram entre uma perspectiva linguística, ideológica e socialmente comprometida¹³; os estudos

⁸ LACAN, J. F., PALMER, M., RUELLAN, D. (1994), *Les journalistes: stars, scribes et scribouillards*, Paris, Syros.

⁹ GARCIA, J. L. (1995), «Os jornalistas portugueses enquanto actores do espaço público mediatizado: legitimidade, poder e interpermutação», *Revista de Comunicação e Linguagens*, 21-22, 365-382.

¹⁰ TRAQUINA, N. (1993), *ob. cit.*, p. 135.

¹¹ TRAQUINA, N., (1993), *ob. cit.*, p. 136.

¹² Confrontar: PEDRO, Emília Ribeiro, org. (1998), *Análise Crítica do Discurso*, Lisboa, Caminho.

¹³ Versão original de 1971, versão em português, ALTHUSSER, L. (1980), *Ideologia e Aparelhos ideológicos do Estado*, Lisboa, Presença; BAKHTINE, M. (1977), *Marxisme et philosophie du langage*, Paris, Gallimard.

de carácter semiolinguístico de mapeamento e identificação de estruturas textuais¹⁴ e, mais recentemente, na ênfase concedida aos contextos de produção, construção e recepção¹⁵.

Nos anos setenta, é de primordial importância, para a análise de imprensa, a centralidade da noção de discurso e a relevância atribuída aos jogos sociais de poderes e saberes¹⁶, assim como as primeiras experimentações de análise automática do discurso¹⁷ e as posteriores explorações cognitivistas da estrutura¹⁸, construção e interpretação dos textos¹⁹. No mesmo período, surgem os estudos que tendem a aprofundar a identificação de tipologias do «género» informação²⁰, assim como a configuração linguística dos enunciados, da argumentação e dos contextos linguísticos da produção²¹.

Ao campo da análise de imprensa, também, não são estranhos os estudos sobre a argumentação e a retórica levados a cabo nos anos 70-80²², os de carácter filosófico sobre hermenêutica e conhecimento²³ e os que se referem ao agir comunicacional nas sociedades modernas²⁴. Da mesma forma, é necessário ter em conta as teses de Pierre Bourdieu²⁵ sobre a linguagem do quotidiano e de

¹⁴ CHARAUDEAU, P. (1983), *Langage et discours: éléments de sémiolinguistique*, Paris, Hachette Université; BRONCKART, J-P. (1985), *Le fonctionnement des discours*, Neuchâtel, Delachaux & Niestlé Ed.

¹⁵ VAN DIJK e KINTSCH, W. (1983), *Strategies of discourse comprehension*, New York, Academic Press; HERMAN, E. S. e CHOMSKY, N. (edição de 1994), *Manufacturing consent: The Political Economy of the Mass Media*, London, Vintage.

¹⁶ FOUCAULT, M. (1970), *L'Ordre du Discours*, Paris, Galimard; FOUCAULT, M. (1971), *A Arqueologia do Saber*, Petrópolis, Ed. Vozes; FAYE, J. P. (1972), *Les Langues totalitaires*, Paris, Hermann.

¹⁷ PÊCHEUX, M. (1969), *Analyse automatique du discours*, Paris, Dunod.

¹⁸ SCHANK, R. C. e ABELSON, R.P. (1977), *Scripts, Plans, Goals, and Understanding: An Inquiry into Human Knowledge Structures*, Hillsdale, Erlbaum.

¹⁹ GARDIN, J. C. (1974), *Les analyses des discours*, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé.

²⁰ ANGENOT, M. (1982), *La parole pamphlétaire: contribution à la typologie des discours modernes*, Paris, Payot.

²¹ VAN DIJK, T. A. (1990), *La Notícia como Discurso*, Barcelona, Paidós Comunicación.

²² PERELMAN, C. (1970), *Le champ de l'argumentation*, Paris, PUF; GRIZE, J-B. (1984), *Sémiologie du raisonnement*, Berne, Peter Lang.

²³ Versão portuguesa do texto de 1976, RICCEUR, P. (1996), *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*, Lisboa, Ed.70.

²⁴ HABERMAS, J. (1987), *Théorie de L'agir communicationnel*, 2 vols., Paris, Fayard.

²⁵ Principalmente no texto: BOURDIEU, P. (1982), *Ce que parler veut dire: l'économie des échanges linguistiques*, Paris, Fayard.

Watzlawick²⁶, no que respeita às funções e disfunções da análise conversacional e, mais recentemente, as análises sobre as linguagens dos, e nos, *Media*²⁷.

A interdisciplinaridade dos actuais estudos sobre a análise da imprensa e das notícias estão presentes nos trabalhos iniciados, há cerca de duas décadas, pelo professor Teun A. Van Dijk (e pela sua equipa) na Universidade de Amsterdão.

Segundo este autor, as notícias reflectem tanto a cognição social, como as representações sociais. A cognição social torna presentes os processos internos através dos quais o conhecimento se forma e se transforma. As representações sociais consolidam as notícias enquanto configurações e conteúdos (históricos, culturais, religiosos, políticos, económicos, ...), assim como os processos interactivos que orientam a construção de um pensamento de senso comum.

A análise das notícias é, então, para Van Dick, um percurso que, partindo da cognição social (descrição de estruturas, tipologias e regras de construção de notícias) passa pela busca da identificação das representações sociais (momento de percepção e enunciação das configurações sociais) até à interpretação final entendida como um exercício crítico, plural, de análise das relações entre indivíduos, grupos, instituições e ideias.

O discurso jornalístico

O discurso jornalístico tem, contudo, características específicas na medida em que pressupõe a existência de um contrato de comunicação que envolve, simultaneamente, um contrato situacional (processo de selecção e transformação dos acontecimentos genuínos em acontecimentos construídos) e um contrato discursivo (fundado na legitimidade, credibilidade e autenticidade da função da imprensa e do jornalista)²⁸.

²⁶ WATZLAWICCK, P. (1976), *La réalité de la réalité, confusion, désinformation, communication*, Paris, Seuil.

²⁷ BOURDIEU, P. (1996), *Sur la télévision: suivi de l'emprise du journalisme*, Paris, Liber; BRETON, P. (1996), *L'argumentation dans la communication*, Paris, La Découverte; CHARAUDEAU, P. (1997), *Le discours d'information médiatique*, Paris, Nathan; CHARAUDEAU, P. e GHIGLIONE, R. (1997), *La parole confisquée: un genre télévisuel: le talk show*, Paris, Dunod; MAINGUENEAU, D. (1998), *Analyser les textes de communication*, Paris, Dunod.

²⁸ CHARAUDEAU, P. (1997), *ob. cit.*, p. 72.

Estas premissas fundadoras do discurso jornalístico pressupõem os conceitos ambíguos de informação-notícia e valor-notícia, os quais determinam a assumpção da notícia como uma construção, um produto cultural, uma «estória» passível de ser contada em diversas formas narrativas²⁹.

Do lado da recepção, o contrato de comunicação do discurso jornalístico compreende duas instâncias: a instância interna de produção (do jornal e do jornalista) e a instância externa de consumo (o público). Na primeira, estão presentes os pressupostos do jornal e do jornalista sobre o «seu» público; na segunda as «negociações» sócio-culturais que os consumidores estabelecem com as mensagens-notícia.

Neste contexto, Van Dijk considera ser o discurso jornalístico uma super-estrutura narrativa (independentemente do género jornalístico) com duas estruturas cognitivas básicas utilizadas em alternância. Assim, a estrutura narrativa das «notícias» pode partir, quer de uma estrutura cognitiva dedutiva (das macro-estruturas temáticas globais para as micro-estruturas temáticas) quer de uma estrutura indutiva (das micro-estruturas temáticas para as macro-estruturas temáticas).

Por exemplo, uma «notícia» pode partir de um relato geral sobre a situação da Igreja Católica em Portugal para um acontecimento específico numa paróquia (percurso dedutivo) ou, partir do caso específico de uma paróquia para a avaliação da situação da Igreja Católica em Portugal (percurso indutivo).

Qualquer destes dois processos, indutivo/dedutivo, envolve regras lógico-semânticas de generalização, especificação, saliência e apagamento nos diversos níveis de construção do discurso e resultam num «modelo hipotético de notícia»³⁰ onde constam elementos formais e elementos temáticos.

Constituem elementos formais de uma «notícia», independentemente do género, o sumário (título e *lead*) e a narrativa propriamente dita. No interior da narrativa identificam-se a situação e os comentários. A situação compreende o episódio — os seus antecedentes e consequências — e os contextos gerais. Como comentários entendem-se as reacções verbais e as conclusões (expectativas e avaliações).

²⁹ Confrontar: TRAUQUINA, N. (1993), *ob. cit.*, p. 13.

³⁰ VAN DIJK, T. A. (1990), *ob. cit.*, pp. 69 e 86.

Os elementos temáticos de uma notícia são os *Acontecimentos Principais*, desdobrados da seguinte forma: o *Acontecimento Principal 1* (com os seus antecedentes e consequentes); o *Acontecimento Principal 2* (envolvendo causa/razão, resolução principal e consequências directas).

É evidente que, constituindo estes elementos formais e temáticos um «modelo», eles sintetizam algumas constantes gerais do «discurso jornalístico» efectivado, no dia a dia, em diversas modalidades.

As entrevistas (género jornalístico presente no estudo sobre o Senhor Patriarca de Lisboa, D. José Policarpo), incorporam as estruturas anteriormente referidas mas recorrem, ainda, a determinados esquemas narrativos em que o contrato de comunicação se dá, simultaneamente, em dois níveis: no processo directo de interacção pessoal (no momento da entrevista) e na instância de produção do discurso (do Jornal e do jornalista com o seu «entrevistado»).

Nos esquemas narrativos e no, há pouco referido, contrato de comunicação, predominam os seguintes elementos comportamentais: a indução (a apresentação do Eu entrevistador, ou do Eu entrevistado); a persuasão (do entrevistador pelo entrevistado, ou do entrevistado pelo entrevistador) e a sedução (por meio de mecanismos de auto e hetero-percepção de atitudes e comportamentos socialmente reconhecidos).

Para terminar a abordagem teórica sobre o campo da análise da imprensa e das notícias é necessário referir o papel da fotografia. Habitualmente, a fotografia desempenha a função de testemunho fidedigno e transparente de um acontecimento ou de um *estar/ser* de uma figura pública. Esta função realiza-se, segundo Vilches³¹, pela transferência da *impressão de realidade* (produzida pela fotografia) para a *impressão de verdade* (apreendida no momento de percepção visual).

A fotografia jornalística é, também, uma construção técnica (máquina fotográfica, revelação, paginação e inserção no jornal) e uma construção simbólica. Neste aspecto, tanto é uma construção do fotógrafo/jornalista (opções e formas de fotografar) como uma leitura/construção do público, dependente, fundamentalmente, da sua cultura e memória icónica e do treinamento perceptivo.

³¹ VILCHES, L.(1997), *Teoria de la imagen periodística*, Barcelona, Paidós Comunicación, p. 19.

Como corolário, a fotografia, na imprensa, deve ser considerada não apenas uma ilustração, ou reforço do texto escrito mas, principalmente, um discurso informativo com características narrativas específicas de codificação e descodificação visual³².

3. O *corpus* e os conteúdos

O *corpus*

O *corpus* de imprensa, que nos propomos tratar, abrange os anos de 1985 a 1999 (21 de Abril), e compreende cerca de 100 peças jornalísticas publicadas em diários, semanários e revistas de referência. Trata-se, portanto, de uma amostra que, não sendo exaustiva, se crê, pela variedade de jornais e géneros jornalísticos, ser representativa e possibilitar um exercício de apreensão da construção de uma imagem de um bispo da Igreja pela imprensa de referência.

Os diários: *Diário de Notícias*, *Jornal de Notícias*, *Público*, *Correio da Manhã*, *A Capital*; os semanários, *O Jornal*, *Expresso*, *Independente*, *Semanário* e a revista *Visão* são, entre outros, os órgãos de imprensa que mais peças jornalísticas apresentam (incluindo entrevistas e fotografias) sobre o actual Patriarca de Lisboa.

No *corpus* analisado, ressaltam as entrevistas, os artigos³³, as notícias³⁴, as notícias curtas³⁵ e os perfis³⁶. Assinam, com mais frequência, as peças jornalísticas os seguintes jornalistas: Licínio Lima e José António Santos no *Diário de Notícias*; António Marujo no *Público*; Mário Robalo no *Expresso*; Inês Dentinho no *O Independente*; Manuel Vilas Boas no *O Jornal* e na *Visão*. Muitos outros jornalistas assinam peças mas sem a mesma regularidade dos atrás citados.

³² VILCHES, L. (1997), *ob. cit.*, pp. 71-77.

³³ *Artigo* – género jornalístico onde predomina os quadros narrativos e interpretativos do jornalista.

³⁴ *Notícia* – género jornalístico onde predomina a descrição do *acontecimento genuíno*.

³⁵ *Notícia curta* – género jornalístico que apresenta, antecipa, ou avalia, em poucas linhas, um facto.

³⁶ *Perfil* – género jornalístico que tem como finalidade traçar o percurso de uma figura pública.

As entrevistas — a primeira em Setembro de 1985³⁷, à Rádio Renascença com ecos na imprensa, e nove, nos anos que se seguem — constituem o núcleo do *corpus*. São entrevistadores, Vítor Mendanha no *Correio da Manhã*³⁸, António Marujo no *Público*³⁹; Margarida Bon de Sousa na *Revista Elo*⁴⁰; José António Santos e Cadi Fernandes no *Diário de Notícias*⁴¹; António Marujo e José Manuel Fernandes de novo no *Público*⁴²; Mário Robalo e Rosa Pedroso Lima no *Expresso*⁴³; José António Santos e Licínio Lima no *Diário de Notícias*⁴⁴, Manuel Vilas Boas na *Visão*⁴⁵ e, de novo, Licínio Lima, no *Diário de Notícias*⁴⁶.

As fotografias individuais, quase sempre assinadas, acompanham, principalmente, as entrevistas, os artigos e os perfis. Jorge Paula no *Correio da Manhã*, Rui Ochôa no *Expresso*, Daniel Rocha no *Público*, Leonardo Negrão e Bruno Peres no *Diário de Notícias*, Paulo Alexandrino no *Semanário*, fotografam, inúmeras vezes, D. José Policarpo.

As entrevistas acompanham o percurso e as funções confiadas a D. José ao longo dos anos, revelando preocupações do momento e, apesar de incidirem em alguns temas nucleares, tocam um leque variado de assuntos. Como temas privilegiados temos: a situação

³⁷ «É provável que o Episcopado torne pública nota sobre momento eleitoral», *O Jornal*, 03/09/1985; «As legislativas de Outubro são as mais importantes desde 74: 'Igreja Católica não vai dar nenhuma indicação de voto' — afirmou, o bispo auxiliar de Lisboa, D. José Policarpo», *Diário de Notícias*, 02/09/1985.

³⁸ «O Estado Socialista é uma concepção ambígua», *Correio da Manhã*, 11/02/87; «Riquezas exteriores não realizam o Homem», *Correio da Manhã*, 12/02/87.

³⁹ «D. José Policarpo reitor da Universidade Católica: 'Prevejo desemprego para os diplomados'», *Público*, 07/02/1993.

⁴⁰ «É preciso acabar com o complexo neocolonialista», *Revista Elo*, Nov.-Dez., 1995.

⁴¹ «D. José da Cruz Policarpo em entrevista ao *DN*: 'Universidade deve seleccionar alunos'», *Diário de Notícias*, 09/02/1996.

⁴² «Nunca seria da Opus Dei», *Público*, Destaque, 6/03/1997.

⁴³ «D. José Policarpo 'o meu modelo é o padre de Aldeia'», *Revista Expresso*, 15/03/1997.

⁴⁴ «Ideologias convivem mal com regimes democráticos: Patriarca fala de doutrinas e levanta dúvidas sobre a regionalização», *Diário de Notícias*, 13/04/1998.

⁴⁵ «D. José Policarpo à *Visão*: 'votar 'sim' no referendo não dá excomunhão'», *Visão*, 18/06/1998.

⁴⁶ «Concordata é útil e actual. Eleito presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, D. José Policarpo aceita a revisão de alguns artigos caducados», *Diário de Notícias*, 15/04/99.

política e social portuguesa e as relações Estado-Igreja Católica⁴⁷; a Universidade Católica como alternativa às outras instituições de ensino superior⁴⁸ e o seu papel na criação de Universidades Católicas nos Países Africanos de Língua Portuguesa⁴⁹; a Igreja Católica e os novos desafios sociais e culturais⁵⁰; o cristianismo, a doutrina da Igreja e a doutrina social da Igreja⁵¹.

Os artigos e as notícias reflectem acontecimentos, factos sucedidos no tempo ou a suceder, comentários e opiniões⁵², com base nos critérios de relevância ou actualidade jornalísticos. No *corpus* reunido ressaltam os seguintes temas, sempre protagonizados por D. José Policarpo: relações Estado-Igreja Católica⁵³; Movimentos dos Leigos⁵⁴; Igreja Católica e a posse de Meios de Comunicação⁵⁵; Universidade Católica, formação e estratégias para a UCP⁵⁶; nomeação de D. José para coadjutor do Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro⁵⁷; o Patriarca de Lisboa⁵⁸; Referendo à Lei da Interrupção Voluntária da Gravidez⁵⁹ e Conferência Episcopal Portuguesa⁶⁰.

As fotografias, tal como já foi dito, apresentam um valor informativo independente das legendas e das peças jornalísticas, apesar de integrarem ou reforçarem determinadas estruturas gráficas do jornal⁶¹. Assim, a dimensão e a disposição da fotografia (frente a

⁴⁷ Cf.: *O Jornal*, 03/09/85; *Correio da Manhã*, 12/02/87; *Diário de Notícias*, 15/04/99.

⁴⁸ Cf.: *Público*, 07/02/93; *Diário de Notícias*, 09/02/96.

⁴⁹ Cf.: *Rev. Elo*, Nov.-Dez., 1995.

⁵⁰ Cf.: *Público*, 26/03/97; *Revista Expresso*, 15/03/97; *Diário de Notícias*, 13/04/98; *Diário de Notícias*, 15/04/99.

⁵¹ Cf.: *Diário de Notícias*, 13/03/98; *Visão*, 18/06/98.

⁵² MAR DE FONTCUBERTA (1999), *A notícia: pistas para compreender o mundo*. Lisboa, Ed. Notícias, p. 17.

⁵³ Principalmente peças correspondentes aos anos de 1985 a 1990.

⁵⁴ Um tema constante com incidência em 1987 retomado em Abril de 1999.

⁵⁵ Desde 1987 até 1999: discussão sobre a Lei da Rádio; privatização dos canais de televisão e atribuição de um canal à Igreja Católica; Meios de Comunicação da Igreja.

⁵⁶ Desde a nomeação de D. José Policarpo para reitor da UCP em Novembro de 1988 até à cessação em Outubro de 1996.

⁵⁷ Peças que abrangem o período de Outubro de 1996 a Março de 1998.

⁵⁸ Géneros jornalísticos diversos abordam este tema ressaltando o perfil, a continuidade e as mudanças introduzidas ou a introduzir pelo novo Patriarca.

⁵⁹ Peças centradas em Maio e Junho sobre o Referendo e a questão do aborto.

⁶⁰ Peças sobre a Conferência e a nomeação de D. José Policarpo para a presidência (Abril de 1999).

⁶¹ VILCHES, L. (1997), *ob. cit.*, pp. 71-90.

um texto, a um *lead* ou a uma outra fotografia) adquirem, sempre, um valor-leitura singular.

A maioria das fotografias que compõe o *corpus*, cerca de oitenta, ilustra os textos das entrevistas e das reportagens, mas existem casos em que a sua utilização é indiscriminada, cumprindo o propósito de compor graficamente a página. Nos diversos géneros jornalísticos os ângulos de vista das fotografias são muito variados.

Nas entrevistas predominam as fotografias frontais, portadoras de uma função de contacto ⁶², e as fotografias a três quartos, consideradas mais neutras ⁶³ que ocupam, normalmente, um quarto de página ou mesmo dois quartos e procuram compor a personagem fotografada (a gestualidade, o comportamento corporal, os hábitos quotidianos, as formas de vestir) e o cenário ou ambiente que a rodeia (escritório, jardins externos, edifício, mobiliário, etc.). Por outro lado, a fotografia deste género jornalístico revela a empatia do fotógrafo frente à personagem retratada, resultando num reforço à função emotiva ou incitativa das fotografias. Isto é, os fotógrafos procuram revelar aos leitores, através dos seus trabalhos, as imagens (físicas ou mentais) que mais os impressionaram e criam, assim, uma imagem para o público. Dentro desta perspectiva, ressalta a composição de uma imagem contrastante: um homem da Igreja mas, ou também, um homem comum (explicação para um tão grande número de fotografias de D. José Policarpo, a fumar, em mangas de camisa, sem cabeçaço, sentado de forma descontraída).

As fotografias cerimoniais ou os perfis que acompanham artigos e notícias funcionam, dentro da anterior complexidade, simultaneamente como elementos de composição gráfica, de informação e, também, de interpretação jornalística. As fotografias de cerimónias, que são muitas ⁶⁴, obedecem, quase sempre, à imposição técnica da composição, apesar dessa imposição poder enfocar este

⁶² A função de contacto dá a impressão que a pessoa representada se dirige directamente ao leitor. Cf.: CADET, C., CHARLES, R., GALUS, Jean-Luc (1990), *La communication par l'image*, Paris, Nathan, 1990, p. 20.

⁶³ Neste ângulo a afirmação da pessoa fotografada é menos forte. Como o olhar do leitor tende a deslizar da esquerda para a direita este ângulo privilegia a descoberta da personagem. Cf.: CADET, C., CHARLES, R., GALUS, Jean-Luc (1990), pp. 20 e 80.

⁶⁴ Por exemplo as fotografias, muitas vezes sem autoria identificada, presentes nas seguintes peças: «Audiência em Roma: João Paulo II incentiva a televisão da Igreja», AFONSO CAMÕES, *Semanário*, 31/10/87; «O rosto masculino da Igreja», *Diário de Notícias*, 23/11/88; «Modificação orgânica com a criação de centros regionais:

ou aquele elemento. Por exemplo, podem privilegiar uma das personagens do grupo, o seu olhar, a sua gestualidade ou, ainda, elementos externos como, o cenário, as vestes, a mitra, etc.

As fotografias de perfil objectivam uma neutralidade, mas tendem a impor ao leitor o estatuto social, político, religioso da personagem. A estas fotografias é atribuída uma função referencial e, concomitantemente, a representação da distância enigmática do *status*, do cargo e/ou do poder⁶⁵. A fotografia de perfil acompanha, tanto as notícias, como os artigos e, tendo uma dimensão variável, surge, muitas vezes, em conjunto com outras fotografias⁶⁶.

Os conteúdos

Na organização dos conteúdos ter-se-á em consideração três categorias: o que é dito por D. José Policarpo nas entrevistas; o que a imprensa, por meio de citações entre aspas, lhe atribui e, finalmente, o que a imprensa diz sobre o próprio.

Nas três categorias de conteúdos ordenados por ordem alfabética, em verbetes temáticos (com base em palavras-chave), procede-se à transcrição dos textos das peças jornalísticas. Os limites desta tarefa, entendida como um exercício exploratório, levam à enunciação de dois pontos prévios: o primeiro diz respeito à descontextualização sócio-política, religiosa e institucional que este tipo de procedimento acarreta, o segundo reporta-se à descontextualização frente às circunstâncias internas de produção do discurso. No primeiro caso ignoram-se os macro-contextos em que se inserem determinadas afirmações como, por exemplo, as relações entre a Igreja Católica e o Estado em Portugal, as características institucionais da Igreja Católica, o papel renovador do Concílio do Vaticano II, as alterações sociais dos últimos vinte anos em Portugal. No segundo caso, os discursos produzidos são «retalhados» e «reformatados» dentro de uma nova lógica de discurso, os verbetes temáticos.

Católica, século XXI», JOSÉ PALMEIRA, *Público*, 26/05/1993, fotógrafo JOSÉ RICCA; «Príncipe e Plebeu», MÁRIO ROBALO e ROSA PEDROSO LIMA, *Revista Expresso*, 04/04/98, fotógrafo LUIZ CARVALHO; «Igreja quer ONU em Timor», *Diário de Notícias*, 16/04/99, fotógrafo PAULO SPRINGER.

⁶⁵ Cf.: CADET, C., CHARLES, R., GALUS, Jean-Luc (1990), *ob. cit.*, pp., 20 e 80.

⁶⁶ Por exemplo as fotografias presentes nas seguintes peças: «Jornadas: a partilha dos sacerdotes», *Diário de Notícias*, ANTÓNIO DE SOUSA, 02/05/98, fotógrafo PEDRO APERTA; «D. José Policarpo propõe divisão vicarial: Diocese de Lisboa terá nova estrutura paroquial», *Semanário*, 29/01/ 1999.

Ressalva-se, ainda, que o levantamento — dadas as condicionantes do espaço e do tempo — não é exaustivo, tendo-se optado por temas de carácter mais abrangente. Assim, na categoria *O que é dito por D. José Policarpo nas entrevistas* não serão nomeados alguns verbetes, independentemente do seu interesse e da sua importância, por exemplo Comunidade Europeia, Movimentos da Igreja (Opus Dei, Nós somos Igreja), Mulher, Património, Regionalização, Trabalho, etc. Também na categoria *O que a imprensa, por meio de citações entre aspas, atribui a D. José*, não serão enunciados alguns verbetes — por se encontrarem demasiado dispersos ou integrados em outros mais abrangentes — como, por exemplo, Concordata, Diocese de Lisboa, Mulher, Património, Vocações. Na terceira categoria *O que a imprensa diz sobre D. José*, transcreve-se, sobre os verbetes e não exaustivamente, as afirmações presentes nas peças, produzidas quer pelos jornalistas quer pelas fontes que citam.

4. O que é dito por D. José Policarpo nas entrevistas

Auto-Imagem

«[...] Normalmente o nosso retrato são os outros que o fazem. Considero-me uma pessoa que se esforça por dar tudo o que tem na missão que lhe é entregue. Gosto da complementaridade de duas perspectivas: pela reflexão e pela minha formação, gosto de planear a vida, de ver um bocadinho à frente daquilo que está a acontecer; talvez motivado pelo tema da minha tese de doutoramento, a leitura da realidade, gosto de completar isso por uma atenção muito grande ao momento que passa. São duas características que tento cultivar. Se consigo ou não, a história o dirá»⁶⁷.

«[...] O tema [da tese de doutoramento em Teologia, intitulada *Sinais do Tempo*] surgiu-me a partir de um documento do Concílio Vaticano II. Nele desenvolvo a ideia de que a Igreja deve estar atenta à História dos homens e captar nela sinais positivos do Reino de Deus. Porque uma sociedade justa não está apenas presente na realidade explícita do cristianismo, mas acontece também na vida

⁶⁷ «Nunca seria da Opus Dei», *Público*, 26/03/97.

dos homens. É necessário fazer uma leitura da História. O tema entusiasrou-me imenso, e foi por aí que eu peguei. Era difícil, um pouco ousado...»⁶⁸.

Comunicação Social

«Nas sociedades democráticas do Ocidente, uma autêntica liberdade da comunicação social é sempre um estádio a que se chega depois de muitos anos e é sempre também o sintoma mais claro da maturidade de uma democracia [...] Para que a comunicação social seja de facto um quarto poder terá que ser um serviço da nação. Isso supõe competência, cultura e espírito de serviço»⁶⁹.

«[...] E nestes tempos que vão correndo, em que os grandes meios de comunicação procuram tão frequentemente uma linguagem que relativiza ou, por vezes, ataca e ridiculariza a presença da Igreja na cultura dos portugueses, essa Igreja, na fidelidade à missão evangelizadora, tem de ter meios fortes para responder a tal laicismo desenfreado e propor positivamente uma visão cristã do Homem e da história. E na Igreja em Portugal esses meios chamam-se Universidade Católica, Rádio Renascença, Televisão de inspiração cristã e Imprensa Regional»⁷⁰.

Cristianismo

«O cristianismo tem uma forte componente doutrinal e seria utópico estar a negá-lo, até porque durante muito tempo foi o aspecto mais visível da própria formação que dávamos aos cristãos. Porém, originariamente o cristianismo não é isso, mas o seguimento de uma pessoa — a pessoa de Jesus Cristo. No dia em que ela se desligar do essencial — a doutrina do meu Mestre —, valerá aquilo que valer por si»⁷¹.

⁶⁸ «D. José Policarpo: 'O meu modelo é o padre de aldeia'», *Revista Expresso*, 15/03/97.

⁶⁹ «É provável que o Episcopado torne pública nota sobre o actual momento eleitoral», *O Jornal*, 03/09/85.

⁷⁰ «Universidade Católica», *Jornal de Notícias*, RUI OSÓRIO, 07/02/93.

⁷¹ «Ideologias convivem mal com regimes democráticos: Patriarca fala de doutrinas e levanta dúvidas sobre a regionalização», *Diário de Notícias*, 13/04/98.

Descolonização

«Sobre a descolonização, com a envergadura que ela tinha devido à extensão do império colonial português, o mínimo que se pode dizer é que foi feita apressadamente. Foi em si mesma um acontecimento tão grave, que inevitavelmente influenciaria a sociedade, qualquer que fosse o regime que a ela presidisse»⁷².

Ética

«Penso que os partidos políticos, dando-se as mãos com outras instituições, com os homens de cultura (os homens e mulheres que produzem cultura neste país têm estado um pouco marginalizados da própria condução das coisas públicas), com a escola e a universidade (que é preciso reestruturar), poderão constituir o grande desafio da actualidade. Era preciso que todo o País fosse atravessado por uma lufada de ar fresco em que o ideal de uma existência ética, sem ataques pessoais, sem corrupção, fosse partilhado por todos aqueles que querem ser servidores do Estado»⁷³.

Estado socialista

«Confunde-se, muitas vezes, a noção de Estado socialista com uma certa socialização de bens e da sociedade, como objectivo a atingir [...] Socialização significa justiça social, com distribuição da riqueza e das possibilidades de vida por todos os cidadãos, respeitando as suas diferenças. O Magistério da Igreja não se queixa da socialização, antes pelo contrário. A Encíclica *Pacem in Terris*, do Santo Padre João XXIII, afirma mesmo ser preciso distinguir a socialização das ideologias que a propagam, pois a socialização pode ser um objectivo a atingir pela doutrina social da Igreja»⁷⁴.

Igreja

«[...] A Igreja é uma realidade pesada: uma instituição não só com dois mil anos de existência, mas muito complexa: no pós-Con-

⁷² *O Jornal*, 03/09/85.

⁷³ *O Jornal*, 03/09/85.

⁷⁴ «O Estado Socialista é uma concepção ambígua», *Correio da Manhã*, 11/02/87.

cílio [Vaticano II], a Igreja tem vindo a reorganizar-se à volta de algumas opções fundamentais. Essas, a meu ver, estão a caminhar. Se pensar que no espaço de dois anos a maior parte das dioceses esteve em sínodo diocesano, com uma grande participação; se pensar que no espaço de dez anos, em Lisboa, se organizaram praticamente em todas as paróquias conselhos pastorais, conselhos económicos, onde os leigos entram directamente numa reflexão contínua da vida da Igreja; se pensar que nos últimos 10 anos, se instaurou o diaconado permanente e que hoje é uma realidade implantada em todas as dioceses, então não sei que letargia é essa...»⁷⁵.

Igreja-Estado

«Já não estamos na Idade Média para considerarmos a bipolarização entre Igreja e Estado. O binómio situar-se-á antes entre o Estado e a Nação onde a Igreja aparece como uma componente importante de inspiração de valores morais e espirituais. Quando uma nação se identifica completamente com Estado isso significa, em qualquer horizonte, a morte da Nação como realidade cultural e plural. O Estado deveria ser um serviço o mais eficaz e discreto possível para permitir à comunidade nacional responder à sua vocação, à sua idiosincrasia cultural»⁷⁶.

«Privilegiar a Igreja, nós não pedimos. Pedimos é que o Estado reconheça o que a Igreja faz — o serviço social, o serviço cultural, por exemplo — e que não a discrimine em termos de apoio»⁷⁷.

Igreja e cristãos na sociedade

«A Igreja, como componente importante da sociedade portuguesa, tem responsabilidades que não enjeita. E a Igreja não são apenas os bispos e os padres mas os cristãos como conjunto. Hoje, a osmose entre a Igreja e a sociedade é mais ampla e porventura mais global que antes do 25 de Abril»⁷⁸.

«Se existe uma forma peculiar do cristão estar na política é porque ele deve lutar por um projecto em que a inspiração seja a

⁷⁵ «Nunca seria da Opus Dei», *Público*, 26/03/97.

⁷⁶ «É provável que o Episcopado torne pública nota sobre momento eleitoral», *O Jornal*, 03/09/85. Transcrição da Entrevista concedida à Rádio Renascença.

⁷⁷ «D. José Policarpo em entrevista ao *DN*: 'Universidade deve seleccionar alunos'», *Diário de Notícias*, 09/02/96.

⁷⁸ *O Jornal*, 03/09/85.

doutrina social da Igreja. [...] A doutrina social da Igreja é um conjunto doutrinário muito vasto que toca, praticamente, todos os problemas da sociedade. Talvez não se fizesse, ainda, o que se deveria fazer para que os cristãos, empenhados nos diversos partidos, pudessem ser bons conhecedores dessa inspiração cristã da sociedade a qual, em princípio, deveria orientar a sua própria militância política»⁷⁹.

Políticos

«Os políticos, como servidores da Nação, além de uma competência política e técnica, devem aliar um quase espírito missionário de serviço em relação à sociedade»⁸⁰.

Propriedade

«[...] a doutrina da Igreja, acerca da propriedade, é uma doutrina subtil não muito conhecida, pois nela não se afirma o direito absoluto. O que está claramente afirmado, na doutrina social da Igreja, é que o Homem tem direito a ter acesso à propriedade necessária para a sua realização profissional [...]. É evidente que os detentores da propriedade, seja ela de que tipo for, possuem a gravíssima responsabilidade de administrar para o bem colectivo»⁸¹.

«[...] Não é no acumular de riquezas exteriores que o Homem se realiza. Portanto a ânsia de ter é, certamente, um obstáculo para a realização do Ser e até denunciada pelos Evangelhos. Toda a mística cristã situa a perfeição do Homem na ordem do Ser, dos valores, e não na ordem do Ter, da posse»⁸².

Referendo à Lei da Interrupção Voluntária da Gravidez

«O que se está a perguntar claramente aos portugueses é se acham que a mulher deve ser castigada quando faz um aborto. Mas não é essa a questão. A própria Igreja em relação à mulher que aborta tem uma atitude de compreensão, de caridade, de acolhimento, de ajuda fraterna. As pessoas sabem, por outro lado, que a

⁷⁹ «Riquezas exteriores não realizam o Homem», *Correio da Manhã*, 12/02/87.

⁸⁰ *O Jornal*, 03/09/85.

⁸¹ *Correio da Manhã*, 11/02/87.

⁸² «Riquezas exteriores não realizam o Homem», *Correio da Manhã*, 12/02/87.

questão da penalização está ligada a uma técnica jurídica. Tratando-se de um ilícito jurídico, ele é penalizável, porque, no Direito Penal, não se pode despenalizar sem legalizar [...]. O problema do aborto — e essa é a confusão disto tudo —, não se resolve nesta instância. Resolve-se na evolução cultural, social, progressiva, na melhoria das condições da mulher. E aí, nós próprios, Igreja, não podemos ficar apenas a condenar o aborto sob o ponto de vista moral»⁸³.

Seitas

«As seitas podem ser resposta a uma secura do espiritual que a sociedade moderna gerou. Mas o fenómeno das seitas é muito complexo. Todo o espiritual da estética, da poética, terá certamente o seu lugar. O ser humano não pode estar condenado a esta lógica que se degradou numa mais-valia do prazer, do egoísmo e do imediato»⁸⁴.

Sociedade e consumo

«[...] hoje, todas as ideias-chave que conduzem às sociedades ocidentais encontram-se na linha de anular tudo quanto seja difícil e pensando passar a linha de realização do Homem pela felicidade. Dentro dessa forma de pensamento encontra-se a ânsia de ter, de consumir, já que se trata de um instinto do Homem. Mas, a meu ver, e talvez mais importante do que isto, tem sido o próprio jogo entre a produção e o mercado. [...] Entrou-se numa espécie de círculo vicioso que não sei como os economistas, e os homens que dirigem a sociedade, irão imaginar uma saída para essa dialéctica. No entanto é um facto que o *marketing* de consumo vai levar as nossas sociedades a exigências tais que acabam por ser inoportáveis para o próprio sistema»⁸⁵.

⁸³ «D. José Policarpo à *Visão*: 'votar 'sim' no referendo não dá excomunhão', *Visão*, 18/06/98.

⁸⁴ «Ideologias convivem mal com regimes democráticos: Patriarca fala de doutrinas e levanta dúvidas sobre a regionalização», *Diário de Notícias*, 13/04/98.

⁸⁵ «O Estado socialista é uma concepção ambígua», *Correio da Manhã*, 11/02/87.

TVI

«Eu penso que não há comboios onde a Igreja não entre, a vocação da Igreja é entrar em todos os comboios em andamento, pode é sair quando achar que a viagem não lhe interessa. No caso concreto da TVI, era um grande desafio, tanto mais que, pela primeira vez, nos tempos recentes, a opção dos cristãos por um comboio em andamento não foi deliberada pelos bispos, mas pelos leigos»⁸⁶.

«Entro na TVI um pouco por teimosia pessoal. Havia um desejo da Igreja, manifestado pelo senhor patriarca [D. António Ribeiro], de ter acesso a um pequeno canal de televisão. O projecto dele era para a Grande Lisboa. E o diálogo com os sucessivos Governos de então foi-se protelando, pelo que a Conferência Episcopal toma uma posição, deixando à iniciativa dos leigos e das outras entidades da Igreja a liberdade de concorrerem a um dos canais privados. É neste contexto que um grupo de instituições católicas, com a Rádio Renascença à cabeça, começam a movimentar-se. Portanto, já não é um fenómeno da hierarquia enquanto tal»⁸⁷.

Universidade Católica Portuguesa

«[...] Durante 25 anos, a Universidade cresceu em tamanho e tem vindo a crescer progressivamente em qualidade. Os grandes desafios foram planear as escolas em ordem a uma meta que ainda não está atingida — dotar a Universidade de um conjunto de escolas que harmonicamente a definam como um todo — e a formação de quadros próprios»⁸⁸.

«[...] Nós sempre quisemos a Universidade não como concorrência mas como alternativa. Sempre tivemos consciência de que, definindo-se como alternativa, a Universidade precisava de ser o mais completa possível»⁸⁹.

«As universidades católicas, um pouco por todo o mundo, têm hoje dificuldade em salvaguardar a sua identidade nesse aspecto.

⁸⁶ «D. José Policarpo em entrevista ao *DN*: 'Universidade deve seleccionar alunos', *Diário de Notícias*, 09/02/1996.

⁸⁷ «D. José Policarpo: 'O meu modelo é o padre de aldeia'», *Revista Expresso*, 15/03/97.

⁸⁸ «D. José Policarpo, reitor da Universidade Católica: 'Prevejo desemprego para os diplomados'», *Público*, 07/02/93.

⁸⁹ *Público*, 07/02/93.

[...]. Eu insisto muito com os nossos docentes que essa identidade não passa necessariamente por actividades de cor religiosa. Passa por uma epistemologia integrada, em que essas grandes orientações — que são, no fundo, de um humanismo cristão — podem perfeitamente estar presentes na própria epistemologia e na pedagogia. Passa pelo ambiente, pelo modo de marcar a casa, por um diálogo contínuo na formação dos nossos docentes [...]»⁹⁰.

*Universidades Católicas
nos Países Africanos de Língua Portuguesa*

«[...] a dinâmica de criação de unidades católicas em África, apoiada pela Federação das Universidades Católicas europeias. Dada a proximidade cultural e linguística entre esses Estados e Portugal, é normal que os senhores bispos desses países nos tenham batido à porta. Vamos dar apoio logístico às duas novas universidades, colaborando na definição dos objectivos, na estruturação dos primeiros recursos e no apoio aos primeiros docentes»⁹¹.

5. O que a imprensa, por meio de citações entre aspas, atribui a D. José Policarpo⁹²

Ética

«Prevejo que a questão ética vai ser central na evolução das sociedades nos próximos anos e será uma dimensão crucial das relações da Igreja com o mundo.[...]. A questão ética é hoje dimensão essencial de todas as grandes componentes da sociedade: da ciência, da política, da economia, dos modelos de desenvolvimento, da família, da vida e do amor»⁹³.

⁹⁰ *Público*, 07/02/93.

⁹¹ «É preciso acabar com o complexo neocolonialista», *Rev. Elo*, Nov.-Dez., 1995.

⁹² O texto que se encontra entre aspas «...» é atribuído a D. José Policarpo; o texto que se encontra entre parênteses rectos [...] pertence à imprensa.

⁹³ «Igreja Católica: a transição tranquila», JORGE WEMANS, *Expresso*, 18/01/86.

Igreja

«[A Igreja terá apenas duas opções] Continuar um pouco fechada sobre si mesma e ficar cada vez mais marginalizada, ou aceitar um diálogo com o mundo»⁹⁴.

«É preciso encontrar os caminhos de missão da Igreja no mundo» [Para os novos caminhos da Igreja, o prelado considera fundamental o papel dos leigos. Por isso, após o Sínodo, a igreja portuguesa vai promover um congresso nacional de leigos, marcado para Junho.] «Caminhamos para uma Igreja que não será dominada pela hierarquia nem pelas ordens religiosas, mas que será de todos os cristãos, [disse D. Policarpo]»⁹⁵.

«[...]a Igreja não está programada para mudar ao ritmo do mundo, mas antes para propor, continuamente, uma mudança profunda, a partir da renovação da inteligência e da consciência»⁹⁶.

Igreja e cristãos na sociedade

«Ser praticante não pode significar apenas a participação habitual na missa de domingo, mas o esforço contínuo de tentar viver, na política, na responsabilidade profissional, na vida pessoal e familiar, de acordo com os desafios do Evangelho»⁹⁷.

Leigos

«O desafio que a Igreja portuguesa tem diante de si é o de criar nos seus membros uma capacidade individual de espírito crítico perante a vida social e a vida eclesial. É como resposta a este desafio que surge o Congresso Nacional dos Leigos»⁹⁸.

«O Sínodo, a meu ver — [diz D. José Policarpo] —, foi vítima do seu próprio método, querendo abarcar, num todo, a complexidade das questões que o debate da Missão dos Leigos, inevitavelmente, levantaria. Revelou-se, no entanto, importante, que a

⁹⁴ «Espiritual e religioso vão preocupar Ocidente» — afirmou o bispo D. José Policarpo», *Diário de Notícias*, 30/09/87.

⁹⁵ «Espiritual e religioso vão preocupar Ocidente» — afirmou o bispo D. José Policarpo», *Diário de Notícias*, 30/09/87.

⁹⁶ «Bênção e trovoada junto à Reitoria: D. José Policarpo assumiu perante milhares de finalistas que existe uma 'clivagem entre a Igreja e a cultura contemporânea'», *Jornal de Notícias*, ALFREDO NATAL, 24/05/98.

⁹⁷ «Igreja Católica: a transição tranquila», JORGE WEMANS, *Expresso*, 18/01/86.

⁹⁸ «Igreja Católica aposta no congresso dos leigos», *Expresso*, 13/06/87.

teologia elaborada pelo Concílio Vaticano II, acerca da questão dos leigos, se tornasse agora pragmática, pastoral. O triunfo de uma eclesiologia de comunhão foi para mim o resultado mais flagrante deste Sínodo»⁹⁹.

Patriarca de Lisboa

«Têm-me chegado ecos de uma certa expectativa gerada à volta desta minha intervenção. À diocese quero dizer claramente que as minhas linhas programáticas vêm sendo caldeadas há trinta anos a esta parte no esforço de edificar uma Igreja inspirada e assente nas linhas de força do Concílio Vaticano II» [Considerando que] «não está tudo feito» [D. José Policarpo frisou que] «a inspiração de fundo será a mesma» [no futuro, mas] «procurando dinamizar o ritmo adquirido numa atenção às exigências do tempo novo»¹⁰⁰.

«Desafio-vos [cristãos da diocese de Lisboa] a encontrar a perspectiva e o caminho de levar os carismas organizados [...] e empenhem-se em novos caminhos de missão, em dimensões particularmente exigentes: as zonas descristianizadas, a presença no meio dos pobres, o diálogo com a cultura, a humanização evangélica do moderno mundo empresarial»¹⁰¹.

Referendo à Lei da Interrupção Voluntária da Gravidez

[D. José Policarpo referiu que, ao contrário do que alguns dizem, a Igreja reconhece que] «o aborto clandestino ou legal é um drama de proporções gigantescas» [mas acha que] «a legalização não resolve, não é a resposta». [Consequência cultural de] «toda e qualquer legalização do aborto» [é, segundo o bispo, a] «ruptura grave entre ordem jurídica e ordem moral. Uma sociedade justa faz leis justas, e o aborto, mesmo legal, não é moral» [salientou. Além disso, a aprovação de lei] «agrude valores de civilização» [representando] «um retrocesso [numa civilização que assenta na defesa dos direitos do homem]»¹⁰².

⁹⁹ «D. José Policarpo a *O Jornal*: 'Sínodo travou tendência conservadora', *O Jornal*, MANUEL VILAS-BOAS, 08/11/87.

¹⁰⁰ «D. José Policarpo garante continuidade», *Correio da Manhã*, 02/05/98.

¹⁰¹ «Primeira assembleia sob o patriarcado de D. José Policarpo: Católicos de Lisboa procuram caminhos novos», *Público*, ANTÓNIO MARUJO, 02/05/98.

¹⁰² «Consulta à população sobre Interrupção Voluntária da Gravidez: PSD agenda referendo», *A Capital*, GISELA OLIVEIRA, 02/02/98.

Sociedade e cultura

«É uma obrigação da Igreja estar atenta aos acontecimentos mais significativos da vida do Homem para se empenhar neles e os iluminar com a sua doutrina sobre a sociedade»¹⁰³.

«[O patriarca de Lisboa e presidente da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), D. José Policarpo, manifestou-se ontem contra a guerra nos Balcãs:] Devemos todos reafirmar com uma clareza muito grande que, neste final de milénio, a guerra não é solução para nada. A humanidade já devia ter aprendido a lição dolorosa de que os graves conflitos que surgem devem ser resolvidos por outras vias» [...] «o diálogo paciente» [as] «sanções económicas» [ou o] «cerco cultural dos agressores»¹⁰⁴.

«[...] Mário Soares afirmou que muitos dos valores dos crentes são comuns aos dos não crentes e isso é verdade. A Igreja tem de aprender e a receber do mundo alguns valores» [...]. E afirmou que, actualmente, com 63 anos, não tem] «a certeza se as dúvidas mais acutilantes serão as dos crentes ou as dos não crentes»¹⁰⁵.

6. O que a imprensa diz sobre D. José Policarpo¹⁰⁶

Bispo Auxiliar e Coadjutor do Cardeal Patriarca de Lisboa

Bispo Auxiliar — «[O Cardeal Patriarca, D. António Ribeiro] Lá tem o seu bispo D. José Policarpo para se agastar com gerência de dinheiros, poderes e pudores. É o braço executivo do Patriarcado. Um homem esmagado pelo poder liderando a TVI, a Universidade Católica, o Seminário dos Olivais e a Secretaria de Acção Pastoral»¹⁰⁷.

¹⁰³ «Bispos querem ONU em Timor», *Correio da Manhã*, ISABEL JORDÃO, 16/04/99.

¹⁰⁴ «Bispos portugueses manifestaram-se em assembleia contra a violência nos Balcãs e por força internacional em Timor-Leste: a guerra não é solução», *Público*, ANTÓNIO MARUJO, 16/04/99.

¹⁰⁵ Laicidade e Fé: Mário Soares e D. Policarpo dois homens coincidentes; Patriarca de Lisboa dá «acção de graças» pela separação Igreja e Estado. Mas não foi fácil..., *Diário de Notícias*, ANTÓNIO DE SOUSA, 18/04/99.

¹⁰⁶ O texto que se encontra entre parênteses rectos pertence à autora; o texto entre aspas «...» é da imprensa; o texto a *bold* é atribuído, pela imprensa, a D. José. O texto em itálico corresponde à apresentação gráfica do original.

¹⁰⁷ «O Patriarca», *Independente: Vida*, INÊS DENTINHO, 22/12/95.

«Formalmente, D. José Policarpo nunca teve *faculdades especiais* no Patriarcado, mas na prática foi sempre visto como o braço direito de D. António Ribeiro. E não falta quem recorde as suas palavras, na cerimónia da sagração episcopal, na Igreja do Mosteiro dos Jerónimos: **Sinto não haver lugar para projectos ou planos pessoais neste momento. Farei meus os projectos da Igreja de Lisboa, traçados pelo sr. patriarca.** Assim tem sido até agora»¹⁰⁸.

Coadjutor — «A confirmar-se a escolha de D. José Policarpo para coadjutor do patriarca de Lisboa, este seria o último degrau numa carreira que, apesar de formalmente confinada ao lugar secundário de bispo auxiliar, singrou por outras vias: director da Faculdade de Teologia da Universidade Católica e reitor do Seminário dos Olivais em 1974, ali soube fazer a transição que a realidade provocada pelo 25 de Abril impusera à Igreja. Foi bispo auxiliar em 1978, foi ele o responsável na Conferência Episcopal por alguns documentos e actividades mais ligados à área cultural e académica — já depois de ter publicado a sua tese de teologia, acerca da evangelização e liberdade. A sua inteligência reconhecida leva o patriarca a escolhê-lo e propô-lo como reitor para a Universidade Católica, lugar que desempenhou até ao final do ano passado. Em 1991, em pleno processo de concretização do projecto da TVI, José Policarpo é escolhido para liderar o quarto canal televisivo»¹⁰⁹.

«Nomeado bispo coadjutor de Lisboa e, para todos os efeitos práticos, futuro patriarca. Criou várias gerações de padres no Seminário dos Olivais. Dirigiu a Universidade Católica. Foi, para seu mal, a força por detrás da TVI. Grande administrador e homem do seu tempo, mas, como o Papa, nada liberal em matéria doutrinária»¹¹⁰.

Comunicação Social

«O Papa recebeu em audiência, na Santa Sé, o conselho de gerência da Rádio Renascença, que se fazia acompanhar por um representante do Cardeal Patriarca de Lisboa, o bispo auxiliar D. José Policarpo. O objectivo da visita foi testemunhar a João Paulo II a fidelidade da emissora católica portuguesa à Igreja e pedir-lhe bênção apostólica para quantos nela trabalham e apoiam

¹⁰⁸ «D. José Policarpo: modernidade, cigarros e bacalhau», *Visão*, AFONSO PRAÇA, 27/02/97.

¹⁰⁹ «D. José Policarpo pode suceder a D. António Ribeiro na diocese de Lisboa: Patriarca pediu resignação», *Público*, ANTÓNIO MARUJO, 15/02/97.

¹¹⁰ «D. José Policarpo», *O Independente*, 07/03/97.

e, ainda, para os projectos de desenvolvimento, nomeadamente o desejado canal de televisão»¹¹¹.

«D. José Policarpo, Bispo-Auxiliar de Lisboa, reitor da Católica e presidente do Conselho Geral da TVI, incluiu o departamento de Comunicação Social da sua universidade no *grupo da Igreja*»¹¹².

Democracia

«Declarado ou implícito, o elogio da democracia esteve presente ao longo da entrevista que D. José Policarpo, bispo auxiliar de Lisboa e director da Faculdade de Teologia da Universidade Católica, concedeu à Rádio Renascença [02/09/85] e de que a generalidade da Imprensa se fez eco [...] é agradável e tranquilizador ouvir uma grande personalidade da Igreja portuguesa reafirmar o respeito que é devido a cada cidadão no exercício da liberdade de voto»¹¹³.

Diocese de Lisboa

Jornadas diocesanas — «[...] Alguns observadores consideram, deste modo, errado analisar-se as jornadas só na perspectiva da continuidade. Em sua opinião, significam a diferença de uma Igreja aberta ao debate e à participação de todos os que trabalham no terreno, independentemente das funções que desempenham. Esta é uma forma — dizem — de democratização do sistema eclesial, de desclericalização e de responsabilização de quantos estão envolvidos nas estruturas diocesanas»¹¹⁴.

Papel dos sacerdotes — «A figura do sacerdote que gere, coordena e propõe dinâmicas quase sozinho já não faz sentido no contexto pluralista da sociedade actual. O grande desafio dos párocos é reconhecer o pluralismo como veículo para a construção da unidade [...]. Só desta forma, sem que se perca o essencial da mensagem evangélica, é possível o diálogo com o homem inserido na cultura contemporânea»¹¹⁵.

¹¹¹ «Papa recebeu gestores da RR», *Expresso*, 21/10/87.

¹¹² «Subscrição publica, novos accionistas privados, teletexto. Roberto Carneiro quer dar novo "élan" à TVI encorajado, aliás pelos resultados das audiências das suas últimas apostas: Albarran, Goucha e sobretudo... Platoon!», *Semanário*, 30/10/93.

¹¹³ «Elogio da democracia», *Diário de Notícias*, 03/09/85.

¹¹⁴ «A partilha do debate», *Diário de Notícias*, LICÍNIO LIMA, 03/05/98.

¹¹⁵ «A partilha do debate», *Diário de Notícias*, LICÍNIO LIMA, 03/05/98.

Homem comum

«D. José Policarpo é um homem do fim do século XX. Não tem motorista nem quer. Todos os dias é ele que guia o seu carro a caminho do Patriarcado. Os seus atrasos são famosos. *Às vezes anda tanto tempo à procura de um lugar para estacionar que acaba por chegar atrasado*, conta um dos seus colaboradores mais próximos. É fácil encontrá-lo a beber café ao balcão de uma das pastelarias do Campo dos Mártires. Mete conversa com o empregado. Fuma um cigarro. Come um bolo. Um homem normal»¹¹⁶.

Homem da Igreja Moderno

Desafios à Igreja — «É esta frontalidade que todos lhe admiram, sublinhando que a sua abertura à modernidade tem ajudado a captar o interesse de sectores que se haviam desinteressado das propostas de fé, concretamente os intelectuais e a juventude»¹¹⁷.

Esperança de renovação — «José Policarpo volta a ser a esperança dos que querem ver a Igreja mudar. Quem lidou com ambos [D. António Ribeiro e D. José] reconhece-lhes muitas semelhanças, registando como grande diferença uma maior abertura do novo patriarca, em relação ao seu antecessor, aos meios de comunicação social. Uma diferença que poderá ser decisiva nas relações com o poder político, uma vez que D. Policarpo poderá usar esta *arma* para pressionar os decisores para obter resultados para a Igreja. Quem o conhece garante que as novas funções não o farão mudar: *Vai continuar a ser um homem acessível e aberto, como foi*»¹¹⁸.

Gestor — «[D. Januário Torgal, a propósito da eleição para presidente da Conferência Episcopal] *Eu lembro-me que em diversos campos do Patriarcado de Lisboa havia vários dossiers em que D. José pegou e com a sua equipa reflectia sobre as grandes linhas de acção a desenvolver na diocese*, disse, adiantando que *D. José consegue captar o essencial dos dossiers e formar equipa, que é para mim o mais decisivo*»¹¹⁹.

¹¹⁶ «D. José Policarpo: O Delfim», *Semanário*, 27/12/97.

¹¹⁷ «O cardeal dos actos discretos... e o bispo que trabalha em equipa», *Expresso*, 28/03/98.

¹¹⁸ «D. José Policarpo: dos Olivais ao Patriarcado», *Semanário*, ROSÁRIO MENDONÇA, 28/03/98.

¹¹⁹ «Conferência Episcopal elegeu novo presidente», *Jornal de Notícias*, ALEXANDRA SERÓDIO, 14/04/99.

Leigos

«*Conferências de Maio*» no *Centro de Reflexão Cristã* — «A presença na última sessão de D. José Policarpo, bispo auxiliar de Lisboa e director da Faculdade de Teologia da Universidade Católica, poderá significar uma alteração de relação da hierarquia para com aquele centro, observado, com algumas reservas, pelos meios conservadores»¹²⁰.

Congresso dos Leigos — «Este é o projecto de há três/quatro anos disse ao DN D. José Policarpo. Confrontado sobre se esta seria a grande aposta da diocese nas últimas décadas, o bispo auxiliar disse que não tinha coragem de corroborar esta afirmação, mas não escondeu que o congresso era a grande esperança de renovar a diocese [...]»¹²¹.

Conferência de Imprensa a propósito do Sínodo dos Bispos (Roma, 1-30 de Outubro de 89) — «O Sínodo, em que o Cardeal Patriarca e D. José Policarpo representarão a igreja portuguesa, destina-se a reflectir sobre a *vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo, a 20 anos do Concílio Vaticano II*. D. José Policarpo parte do princípio de que a cultura moderna ocidental se tem caracterizado por uma certa dessacralização, uma autonomia do sagrado, de que a Igreja é representante, relativamente ao profano. [...]. Para D. José Policarpo, a sociedade moderna terá de voltar a discutir a relação entre o natural e o sobrenatural, a relação entre o sagrado e o humano, a relação entre Deus e o homem. Para os novos caminhos da Igreja, o prelado considera fundamental o papel dos leigos. Por isso, após o Sínodo, a igreja portuguesa vai promover um congresso nacional de leigos, marcado para Junho»¹²².

Universidade Católica Portuguesa

Nomeação para Reitor — «D. José Policarpo, bispo desde 1978, é considerado como uma das mais fortes personalidades do episcopado português, sendo normalmente considerado como um espírito

¹²⁰ «D. José Policarpo no encerramento das 'Conferências de Maio'», *O Jornal*, MANUEL VILAS BOAS, 29/05/86.

¹²¹ «'Patriarcado deverá ajustar a acção às alterações estruturais do mundo' — afirmou Hernâni Lopes no Congresso dos Leigos», *Diário de Notícias*, A. C., 17/05/87.

¹²² «'Espiritual e religioso vão preocupar Ocidente' — afirmou bispo D. José Policarpo», *Diário de Notícias*, 30/09/87.

aberto ao diálogo [...]. Também em relação às faculdades, a escolha de D. José poderá significar uma maior abertura e pluralismo nas Ciências Humanas, cujo corpo docente é normalmente conotado com sectores ligados à *Opus Dei*»¹²³.

«Depois de consultado o Conselho Superior da Universidade, órgão que trata da vida institucional e do governo desta casa, as vozes são unânimes em apontar o nome de D. José Policarpo como potencial sucessor a ser nomeado pela Santa Sé [...]. Pôs-se o problema se não deveria ser um leigo a ocupar este cargo, mas a verdade é que a figura deste bispo é vista com bons olhos, pela sua experiência e carismas próprios já demonstrados»¹²⁴.

Cessação do mandato — «D. José, nascido na diocese de Lisboa, foi o homem da internacionalização da Universidade e do diálogo com outras instituições, nomeadamente as empresas. Graças ao seu impulso, durante os oito anos do seu mandato, o ensino universitário católico é hoje uma realidade em Moçambique, Angola e Macau»¹²⁵.

Testemunhos

Colega do Seminário dos Olivais — «O Zé Policarpo era um bom aluno. Não era o melhor, num curso em que os melhores eram o Fernando Belo e o Artur Lemos, mas estava nesse grupo. Foi desabrochando à medida que ia crescendo, e, apesar da sua origem rural, as suas qualidades firmaram-se a pouco e pouco, não sendo na altura de esperar que isso acontecesse tão depressa e tão claramente»¹²⁶.

«Naquele tempo, [anos 60], mesmo em Roma, era impensável dois estudantes, já padres, irem ao cinema, de fato e cabeção, e, se acaso iam, isso equivalia a pisar o risco [...]. Embora dentro do sistema, Policarpo é um homem de bom senso, com ideias arejadas. Por outro lado, discorre e argumenta bem. Conseguiu impor este

¹²³ «D. José Policarpo ganha votação para a Universidade Católica», *Expresso*, 16/07/88.

¹²⁴ «Universidade Católica — novo reitor, vinte anos depois», *Semanário*, CONCEIÇÃO BARREIRA DE SOUSA, 13/08/88.

¹²⁵ «Novo Reitor na Universidade Católica: a herança de dois homens que ergeram um império», *Correio da Manhã*, LICÍNIO LIMA, 19/10/96.

¹²⁶ «D. José Policarpo: modernidade, cigarros e bacalhau», *Visão*, AFONSO PRAÇA, 27/02/97.

perfil de uma maneira eficaz, o que leva a concluir que os cargos que tem tido são-no por mérito próprio»¹²⁷.

D. Januário Torgal Ferreira — «[D. José Policarpo] tem ainda a grande capacidade de diálogo com as margens da Igreja, aqueles que se sentiram excluídos pela falta de pluralismo»¹²⁸.

Padre António Janela — «[...] José Policarpo sempre defendeu uma atenção da Igreja às realidades sociais e políticas contemporâneas *uma grande capacidade de discernimento, de avaliação da situação em que vivemos avalia o padre Janela de compreensão da mudança acelerada da sociedade*»¹²⁹.

Padre Peter Stilwell — «[D. José Policarpo] vai seguramente aproveitar estes crentes [os leigos, formados na Escola dos Leigos] para que eles sejam úteis numa acção directa com as realidades — o mundo da política, a acção cultural, o trabalho com as diferentes marginalizações, a toxicodependência ou o insucesso escolar [...]. D. José respeitará sempre a autonomia destes leigos, percebendo que é no seu trabalho político numa Junta de Freguesia ou numa associação desportiva que os cristãos darão testemunho da sua fé»¹³⁰.

Conclusão

Que imagem constrói a imprensa de D. José Policarpo? Que mecanismos técnicos ou emocionais de saliência e/ou apagamento são utilizados nessa construção? Que imagens contrastantes estão presentes — propositadamente implícitas ou discretamente explícitas — quando se ressaltam determinadas particularidades e se sugerem diferenças?

Apesar deste exercício exploratório não possibilitar conclusões, definitivas nem acabadas, pensa-se ser possível fazer alguns comentários, a título meramente indicativo, tendo em conta: a atribuição de ênfase a determinados conteúdos (através da atribuição

¹²⁷ «D. José Policarpo: modernidade, cigarros e bacalhau», *Visão*, AFONSO PRAÇA, 27/02/97.

¹²⁸ «O cardeal de actos discretos e... o bispo do trabalho em equipa», *Expresso*, MÁRIO ROBALO, 28/03/98.

¹²⁹ «Nomeação de D. José anunciada hoje», *Público*, ANTÓNIO MARUJO, 05/03/97.

¹³⁰ «O cardeal de actos discretos e... o bispo do trabalho em equipa», *Expresso*, MÁRIO ROBALO, 28/03/98.

dos títulos, dos *leads* e das citações); os quadros interpretativos utilizados (contextos e opiniões expressas pelos jornalistas) e os enquadramentos fotográficos.

O primeiro comentário que se impõe é a legitimação pública, mediada pelos jornalistas, sejam eles próximos ou não à Igreja, da autoridade moral e espiritual de D. José Policarpo. Um reconhecimento assertivo fundado no fascínio de uma personalidade capaz de conciliar, publicamente, as aparentes contradições entre a rigidez doutrinária e institucional e a liberdade de um pensamento inovador.

Este reconhecimento, que tem muito de empatia, é demonstrado na imprensa pelo recurso, privilegiado, a imagens contrastantes ou analógicas dentro do mesmo campo ou mesmo externas ao campo. Por exemplo, são, comumente evocadas as imagens de uma Igreja Católica tradicional *versus* uma Igreja Católica pós Concílio Vaticano II; as analogias, continuidades e rupturas entre «visões de mundo» (presentes no pensamento do Cardeal Patriarca D. António Ribeiro e o actual Patriarca) e comportamentos públicos e privados de personalidades do mesmo campo (comparando os bispos e as suas formas públicas e privadas de actuar). Mais recentemente, há indicadores, em diversas peças, do recurso à analogia ou ao deslize semântico fora do campo, no momento em que se propõe uma aproximação entre a figura pública de D. José e a do ex-presidente Mário Soares¹³¹.

O segundo comentário, decorrente do primeiro, incide sobre a imagem de «democrata» construída ao longo da vida, através de opções (por exemplo a Tese de doutoramento, os Movimentos de Leigos), das tarefas e cargos que lhe foram confiadas (d direcção do Seminário dos Olivais, a Universidade Católica, a Diocese de Lisboa).

Esta imagem de democrata, aberta ao diálogo e ao trabalho de equipa, surge delineada tanto para o exterior (aceitação de uma sociedade plural, responsabilidades do homem comum e do cristão frente à cidadania) como para o interior da Igreja (pluralidade de opiniões, o papel e a responsabilidade dos leigos na Igreja actual) e apresenta, em inúmeras peças, a imagem única e peculiar de um bispo.

¹³¹ Cf.: «Patriarcas em Macau», *O Independente*, INÊS DENTINHO, 29/01/99; «Laicidade e Fé: Mário Soares e D. Policarpo dois homens coincidentes», *Diário de Notícias*, ANTÓNIO DE SOUSA, 18/04/99; «Debate sobre Laicidade e Fé juntou D. José Policarpo, Mário Soares e José Saramago», *Público*, ANTÓNIO MARUJO, 18/04/99.

Uma terceira imagem, merecedora de um terceiro comentário, é a do homem de cultura que, sem abdicar da Fé e da Doutrina, incita a Igreja e os cristãos a reflectirem sobre as mudanças e a responderem aos desafios da modernidade. Esta imagem consubstancia-se em interpelações à Igreja e aos cristãos para que se abram ao diálogo e à participação, reconheçam o papel dos *Media* na construção da realidade imediata, estimulem a identidade e a memória nacional e cristã e, promovam a conservação do património. Esta é uma imagem «forte» de intervenção social consolidada nas peças jornalísticas sobre D. José e os «*Media* da Igreja»¹³².

Para terminar, impõe-se uma última observação: a sempre presente, embora por vezes difusa, imagem de um teólogo da modernidade¹³³. Esta imagem, que só por si resultaria num outro trabalho e exigiria outras competências, apresenta como pano de fundo a Tese de doutoramento «Sinais do Tempo».

Tal como D. José refaz o diálogo com o seu orientador, o professor René Latourelle — na entrevista concedida, em Março de 1998, à revista do Expresso —, a imprensa actualiza-o no fluxo da informação: «*Isto* [o tema da Tese] vai marcar-te para toda a vida'. E eu perguntei-lhe: 'Acha que isso é um inconveniente?' Ele respondeu-me: 'Não, quero só que tomes consciência que vais marcar a tua maneira de ver o mundo e de ver a Igreja'»¹³⁴.

ISABEL FERIN CUNHA *

¹³² Cf., por exemplo: «Audiência em Roma: João Paulo II incentiva a televisão da Igreja», *Semanário*, AFONSO CAMÓES, 31/10/87; «Subscrição pública, novos accionistas privados, teletexto. Roberto Carneiro quer dar novo "élan" à TVI encorajado, aliás, pelos resultados das audiências das suas últimas apostas: Albarram, Goucha e sobretudo... Platoon!», *Semanário*, 30/10/93; «O Sucessor», *O Independente*, 07/03/99.

¹³³ Por exemplo confrontar as seguintes peças: «A Ética secular e a novidade do Evangelho», *Semanário*, 31/12/88; «Ideologias convivem mal com regimes democráticos: Patriarca fala de doutrinas e levanta dúvidas sobre a regionalização», *Diário de Notícias*, Entrevista de JOSÉ ANTÓNIO SANTOS e LICÍNIA LIMA, 13/04/98.

¹³⁴ «D. José Policarpo: 'o meu modelo é o padre de aldeia'», Entrevista de MÁRIO ROBALO e ROSA PEDROSO LIMA, Revista *Expresso*, 15/03/97.

* Com a colaboração, na recolha de peças, da Dr.^a Rita Moura Cruz.